

## Fronteiras em Jogo: um retrato alternativo da Copa América 2011 por um repórter de primeira viagem<sup>1</sup>

Cristiano PAVINI<sup>2</sup>

José MARQUES<sup>3</sup>

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, SP

### RESUMO

O presente trabalho objetiva discutir o processo de produção do livro-reportagem *Fronteiras em Jogo*, escrito e apresentado em 2012 para o Trabalho de Conclusão de Curso na graduação em jornalismo da Universidade Estadual Paulista (Unesp). A obra é calcada em duas temáticas principais: as barreiras físicas e culturais entre os países latino-americanos e os bastidores de uma cobertura jornalística esportiva internacional, ambos resultado do conhecimento teórico e empírico adquirido pelo autor em cinco meses de intercâmbio na Argentina, período no qual se tornou o repórter brasileiro mais jovem oficialmente credenciado para cobrir a Copa América 2011 de futebol.

**PALAVRAS-CHAVE:** Copa América 2011; América Latina; livro-reportagem; cobertura esportiva alternativa; futebol

### 1- INTRODUÇÃO

A Copa América é a competição futebolística entre nações mais antiga do planeta. Sua primeira edição foi realizada em julho de 1916, por iniciativa da Argentina, em comemoração ao centenário de independência do país. Naquela ocasião o torneio se chamava *Campeonato Sudamericano de Football*, e sua organização deu origem à Conmebol (*Confederación Sudamericana de Fútbol*). O objetivo da Copa América, desde sua origem, foi promover a união e a integração entre os países latino-americanos, tema que atualmente continua em voga, a despeito das dificuldades encontradas na integração econômica e política promovidas pelo Mercosul e Parlasul, respectivamente.

Após a realização da Copa América 2011 na Argentina, retratada neste livro-reportagem, a competição soma números expressivos: 702 jogos realizados em 43 edições distribuídas por 95 anos, com 16 nações já participantes (dez da Conmebol mais os

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria jornalismo, modalidade livro-reportagem.

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e bacharel em jornalismo, com conclusão em 2012 mediante a apresentação do livro-reportagem aqui exposto. Email: [cristiano.pavini@gmail.com](mailto:cristiano.pavini@gmail.com)

<sup>3</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP); orientador do trabalho. E-mail: [zeca.marques@uol.com.br](mailto:zeca.marques@uol.com.br).

convidados) e 2,3 mil gols marcados. O maior vencedor é o Uruguai, com 15 títulos, seguido por Argentina (14) e Brasil (8).

Não há literatura densa que explique<sup>4</sup>, seja de maneira ensaística argumentativa ou subjetiva, os motivos que levam o Brasil, acostumado às glórias futebolísticas, a ter um desempenho apenas mediano na Copa América. Objetivamente, a principal justificativa é a supremacia uruguaia e argentina até o final da década de 50, quando juntas levantaram a taça por 22 vezes, contra apenas três do Brasil.

Já na esfera subjetiva, este autor constatou, *in loco*, que o desempenho tido como inferior do Brasil na competição pode ter relação com o distanciamento brasileiro perante os demais países da América Latina em alguns aspectos. Um deles é a língua. Dos 569 milhões de habitantes considerados latino-americanos, segundo a Biblioteca Virtual da América Latina<sup>5</sup>, apenas os quase 200 milhões de brasileiros falam o dialeto português oficialmente. Isso, como foi exposto no presente livro-reportagem por meio de cenas reais ao longo dos capítulos, acaba se tornando uma barreira para a integração da população brasileira com os demais países.

No campo físico, o Brasil também se destaca dos vizinhos. Além de ser um país que os livros de geografia costumam definir como “de dimensões continentais”, a população brasileira é maior do que a das outras nove nações sul-americanas que participam da Copa América somadas. Há, portanto, uma noção do gigantismo brasileiro que permeia os demais países. Apesar disso, conforme vivenciado e relatado por este autor, os torcedores brasileiros eram minoria na primeira fase da Copa América 2011, realizada na Argentina.

Uma das justificativas levantadas em **Fronteiras em Jogo** é a falta de vontade dos torcedores tupiniquins em se desdobrarem para assistir às partidas contra seleções tidas como mais fracas, em jogos que teoricamente já estavam ganhos pelo Brasil. O mesmo não ocorre com a maioria dos demais países, que lotam os estádios logo nos jogos iniciais (como é o caso de chilenos, peruanos e paraguaios). As justificativas, além da maior população imigrante em solo argentino, é que essas seleções dificilmente conseguem aspirar a rumos mais ambiciosos na competição, e por conta disso aproveitam os jogos a que podem assistir.

---

<sup>4</sup> O livro *O Brasil na Copa América* (Editora CBF, 1989), do jornalista Airtton Silveira Fontenele, é a única literatura encontrada por este autor sobre o tema, mas se destina mais a um retrato objetivo, e não analítico, da participação brasileira na competição.

<sup>5</sup> <http://www.bvmemorial.fapesp.br>

Entretanto, e já antecipando o motivo de ter escolhido este título para o livro e com a ressalva de que se trata da visão pessoal de quem conviveu em terras estrangeiras por cinco meses, o isolamento brasileiro se faz presente no âmbito lingüístico, territorial e cultural, entretanto não no campo subjetivo afetivo. Principalmente durante a Copa América, o autor presenciou o carinho que as demais nações nutrem pelo Brasil – com a recíproca verdadeira. Como, por exemplo, nos torcedores canarinhos armando uma barraca de caipirinha no centro de Córdoba para tomar junto com equatorianos – que seriam seus rivais em campo dentro de poucas horas (página 101 do livro).

Exemplos de afetividade, entretanto, não se restringem aos brasileiros. Durante o período de intercâmbio na Argentina, passando também por Chile e Uruguai, e principalmente durante os 18 dias de Copa América, o autor constatou a existência de uma espécie de espírito unificador comum entre os latino-americanos, até mesmo os rivais históricos no campo político.

A Argentina, por exemplo, não perdoa até hoje o Chile por ter auxiliado os ingleses durante a Guerra das Malvinas, oferecendo seu território para recarga dos aviões. Entretanto, quando 30 mil chilenos resolvem atravessar os 150 quilômetros de rodovia em meio à neve da Cordilheira dos Andes, a dez mil pés de altura, para assistir a uma partida da seleção chilena na cidade argentina de Mendoza, o governo local não tem dúvidas: convoca os habitantes a oferecerem sua casa para os vizinhos de fronteira – pedido prontamente atendido, conforme narra o capítulo 1 do livro-reportagem.

Por conta disso, o título **Fronteiras em Jogo** tem dois significados: o primeiro, de fronteiras físicas (nações) disputando em uma partida de futebol a conquista da taça. No segundo, mais simbólico e o eixo norteador do livro, a expressão “em jogo” tem sentido de “em xeque”. Com base em fatos pelo autor presenciados, alguns dos quais há pouco citados, o presente livro-reportagem procura mostrar que, apesar das barreiras físicas, culturais e históricas, as fronteiras não são suficientes para impedir a união subjetiva dos latino-americanos.

## 2 - OBJETIVO

Por meio de um livro-reportagem, traçar um retrato global sobre a Copa América, abordando as barreiras físicas e culturais entre os países latino-americanos e relatando os bastidores de uma cobertura jornalística esportiva internacional.

### 3 - JUSTIFICATIVA

Ao término da Copa América, havia publicado 77 postagens no blog<sup>6</sup> criado para a cobertura instantânea e *in loco*, rendendo mais de seis mil visualizações. Isso por si só já seria o bastante para se tornar um trabalho de conclusão de curso robusto. Entretanto, ainda não era o suficiente para mim. No decorrer da competição vi e vivi fatos, relatos e emoções que não estavam presentes no formato digital, seja pela falta de tempo durante o calor dos fatos ou pelas limitações do formato (apesar da possibilidade de inclusão de fotos, vídeos e áudio ilimitada, um texto denso e melhor trabalhado não estaria em seu “habitat” ideal).

Além disso, julguei que a experiência adquirida durante a Copa América deveria ser passada adiante, tanto no âmbito profissional quanto cultural. Neste último ponto, em especial a percepção de que os países da América Latina estão cercados pelas mais diversas fronteiras, muitas invisíveis e outras que não aparentam, mas são transponíveis. Todo esse retrato global que existe tendo a competição como pano de fundo não estava presente no blog, mais focado no instantâneo, e portanto julguei necessário ampliá-lo por meio de um livro-reportagem.

Outra motivação se deu logo que recebi a confirmação de que estava oficialmente credenciado para realizar a cobertura jornalística da competição. Busquei alguma base teórica que me auxiliasse na jornada que iria traçar, mas não encontrei nada facilmente disponível no Brasil. Ao que consta, um dos únicos livros que retratam a história da seleção canarinho na Copa América, com o título pouco original de “O Brasil na Copa América”, publicado em 1989, traz um levantamento meramente objetivo da participação brasileira. Já relatos profundos, contando bastidores da competição (e não apenas de vestiários) e uma tentativa de ensaio sobre seu significado para o continente são praticamente inexistentes em solo tupiniquim.

Também julguei necessária a confecção deste livro-reportagem para que fosse utilizado como espécie de guia por jornalistas de primeira viagem, como eu fui. O mercado editorial brasileiro possui livros até em excesso de profissionais carimbados contando suas experiências na profissão, na maioria das vezes com dicas objetivas e até óbvias. São raras, entretanto, as obras que se centram nos retratos globais de uma competição, sem priorizar apenas os bastidores envolvendo atletas e comissão técnicas. Mais raras ainda são as narrativas envolvendo todos esses elementos e escritas por um repórter em início de carreira, cujo olhar é diferente (com vantagens e desvantagens, já aqui elencadas).

---

<sup>6</sup> [www.2011ca.blogspot.com](http://www.2011ca.blogspot.com)

Por conta disso, e ao término do trabalho, estou seguro de que **Fronteiras em Jogo** oferece uma cobertura diferenciada e quiçá inédita da Copa América, retratando a competição em suas diversas facetas e suprimindo uma carência editorial.

#### 4 - MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Como abordado há pouco, necessitava de algo além do blog para exprimir todo o contexto simbólico extra-campo da competição. Por conta disso, recorri ao formato de livro-reportagem, segundo definição de Edvaldo Pereira Lima, em seu livro *Páginas Ampliadas*:

O livro-reportagem é o veículo de comunicação impresso não periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos (LIMA, 2004).

De acordo com o mesmo autor, o catalisador do livro-reportagem é o que convencionou-se chamar de grande-reportagem, a qual cabe também uma definição:

(...) aquela que possibilita um mergulho de fôlego nos fatos e em seu contexto, oferecendo uma dose ponderável de liberdade para escapar aos grilhões normalmente impostos pela fórmula convencional do tratamento da notícia (LIMA, 2004).

Dessa forma, e como bem define LIMA, o livro-reportagem não é instantâneo, mas *contemporâneo*. Isso permite, por exemplo, que **Fronteiras em Jogo** possa ser publicado praticamente um ano e meio após o término da Copa América 2011, cenário da narrativa. Tal situação é possível porque o essencial de minha narrativa não é antecipar o resultado dos jogos (algo que os jornais e, acima de tudo, a internet, já realizam de forma cada vez mais imediata e superficial), mas sim trazer um retrato global da dinâmica envolvendo personagens e fatos muitas vezes tidos como subalternos da competição, com relatos de cenas praticamente perenes.

Quanto ao estilo e técnicas de apuração, optei por beber da fonte do *New Journalism*, influenciado principalmente pelos norte-americanos Tom Wolfe, Gay Talese e Hunter Thompson. Entretanto, a fonte também contém doses dos excelentes Joel Silveira e João do Rio, apenas para citar os mais antigos no campo tupiniquim. Em relação à América

Latina, colhi dos frutos da linguagem elétrica e desesperada do argentino Rodolfo Walsh, em seu livro *Operación Masacre*.

Muito acima do padrão estético, que muitos estudantes crêem ser o cerne do New Journalism, a corrente prega uma verdadeira revolução no modo de apuração.

O novo repórter agora precisa, além de bater em todas as outras portas clássicas da apuração de uma matéria – e algumas dessas portas abrem e, você sabe, em seguida fecham novamente na cara do repórter -, agora precisa bater também na porta que vai dar na cabeça do entrevistado. Ficou mais difícil. Mas o prazer de apurar, escrever e ler aumentou (Joaquim Ferreira dos Santos 2005 apud WOLFE, 2005).

Por conta disso, testemunhei e participei *in loco* de todos os acontecimentos narrados no livro. Esse grau de participação do repórter, inclusive com boa parte dos trechos narrados em primeira pessoa e tendo o autor como personagem principal, como a que segue abaixo, é uma das vantagens do New Journalism:

- Lari!!!! Lari!!!!

O que já está tumultuado se torna ainda pior quando uma morena de corpo escultural, com 1,72 metros de altura e 90 cm de busto – devidamente exposto pelo decote abundante - começa a ser cercada por fãs, em sua maioria torcedores homens querendo tirar uma foto. No dia anterior, Larissa Riquelme havia prometido posar pelada dentro do estádio Maracanã caso o Paraguai vencesse o Brasil. Não foi uma escolha difícil optar entre perguntar se ela iria cumprir a promessa ou ir me apertar entre os repórteres brasileiros para ouvir Elano explicando como conseguiu aumentar o buraco da camada de ozônio chutando a bola tão alto (pág. 140)

## **5 - DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

Dois conceitos nortearam os elementos visuais que compõem o livro como todo: futebol e fronteiras. Assim, cada um dos recursos utilizados procurou agregar esses dois itens. Quanto à tipografia, foi utilizada uma fonte sem serifa para os títulos e serifada para o corpo de texto. Esta tem a função de permitir maior legibilidade para o formato do livro A5 e o grande volume de informações, uma vez que tipografias serifadas, no geral, permitem uma melhor leitura. As fontes sem serifa com formas mais regulares com

variação de extensão (condensada e regular) contrastam entre si para permitir criar uma hierarquia nas informações.

Cada capítulo tem início com três recursos gráficos na página localizada à esquerda do início da narrativa: um calendário, um mapa e um gráfico em caracol. O calendário procura situar o leitor temporalmente na narrativa, destacando a data em que ocorreram os fatos retratados naquele capítulo. Essa identificação depois é ressaltada abaixo da numeração do capítulo, inclusive com a informação de qual dia da semana ocorreu. Abaixo há uma reprodução do mapa da Argentina, para que haja identificação no campo territorial de onde se passa a narrativa. Em seguida, e ocupando quase a página toda, está o gráfico circular com os resultados do jogo. Esse recurso é uma forma de retratar o avanço da competição de acordo com o decorrer da narrativa e situar o leitor sobre os resultados. A partida que é retratada no capítulo ganha destaque nesse gráfico.

Optou-se por numerar as páginas nos cantos inferiores, deixando as laterais livres para as notas que seriam de “rodapés”. A opção por colocar as notas ao lado da narrativa se deu para que a visualização do leitor fosse mais harmônica, tendo em vista que utilizo as notas de referência com certa frequência no capítulo, em média uma a cada duas páginas.

Para identificar as “rupturas” na narrativa que ocorrem dentro do capítulo, optou-se por utilizar uma linha divisória, estilizada para parecer o círculo central de um campo de futebol visto de cima com a bola no meio.

O encontro dessas linhas das estilizações, em especial nos hexágonos que ficam abaixo da numeração das páginas, faz referência ao conceito de fronteira, casando com o título do livro. A figura do hexágono foi escolhida porque é o formato associado ao imaginário popular do gomo de uma bola de futebol tradicional. Assim como a junção dos gomos resulta em uma bola, os hexágonos repassados em cada página ajudam a construir a narrativa como um todo.

Em relação à capa, a ilustração principal é um grande estantarde, semelhante ao que as seleções nacionais trocam como sinal de confraternização antes da partida. Dentro dele estão agregados os brasões das associações de futebol de cada um dos doze países participantes da Copa América 2011. Eles estão dentro amontoados dentro de hexágonos, mas desta vez a figura geométrica tem outro significado: remete a idéia de fronteiras (afinal, cada brasão tem seu território delimitado pelo encontro com outro símbolo).

Para a primeira versão do livro, que foi entregue aos membros da banca, optou-se por imprimir as fotos apenas nas cores preto e branco para redução dos custos, tendo em



vista que são 73 imagens ao longo do livro<sup>7</sup>. Foi decidido que elas ficariam ao final de cada capítulo, para que o leitor pudesse se contextualizar e lembrar as cenas retratadas ao término da leitura. A grande maioria das fotos são de minha autoria, valendo-se de uma câmera semi-profissional Fujifilm Finepix 2500

Todo o projeto gráfico foi elaborado pelo designer Tiago Aguiar, com base em minhas sugestões e sob a supervisão do autor. Especificações:

Tamanho do livro: 14 cm x 21 cm

Papel do miolo: Pólen Soft 80g/m

Papel capa: Cartão

Impressão: Gráfica Avalon

Número de páginas: 208

## 6 - CONSIDERAÇÕES

A produção de **Fronteiras em Jogo**, em especial o contato com diferentes culturas latino-americanas durante a Copa América, foi um marco em minha formação acadêmica, profissional e pessoal. Ao realizar este projeto, me deparei com fronteiras que sequer imaginava existir – mas que, depois, aprendi que são transponíveis.

Acredito que meu olhar debutante sobre uma competição esportiva internacional de grande porte foi essencial para enriquecer a narrativa. Afinal, são poucos os leitores, jornalistas ou não, que tiveram a oportunidade de participar *in loco* de uma Copa América. Ao ler este livro, eles podem saber que declaração de Neymar que escutaram no rádio ou leram no jornal foi conquistada a duras penas, já imaginando o repórter se amontoando sobre os colegas e tendo que dobrar a atenção para não ser vítima de furtos.

Foi também uma grande experiência poder me aventurar pelos gramados do jornalismo literário, tendo em vista que a prática informativa prima cada vez mais pela objetividade superficial, em especial após adaptação para a internet. A oportunidade de me aventurar com travessões, abusar das exclamações e prender o dedo no teclado para transmitir o barulho de um rojão – BUMMMMMMMMMM! - talvez não me seja permitida novamente tão cedo.

Não devo, entretanto, esquecer-me de meu blog. Apesar das limitações, ele é um acervo histórico e emotivo muito importante. Valendo-se inclusive do tema do Intercom

---

<sup>7</sup> As fotos em preto e branco foram mantida no arquivo em anexo para não sobrecarregar o servidor



deste ano, acredito que as emoções ali retratadas, em especial os vídeos, são suporte em cores e movimento aos fatos deste livro. Não descarto, no futuro próximo, estudar uma forma de integrá-los com mais afinco.

Retornando ao **Fronteiras em Jogo**, acredito que meu trabalho contribuirá para que o brasileiro se interesse mais pelo contexto que envolve a Copa América. Não foi o intuito principal do livro esmiuçá-la, entretanto creio ter fornecido os detalhes básicos para despertar a iniciativa do leitor em entender o significado do torneio. Talvez eu tenha, cabe aqui ressaltar, uma visão inocente de que a competição contribui para a união latino-americana, esquecendo-me propositalmente na narrativa que as principais confederações de futebol se tornaram empresas sedentas por lucros a qualquer custo.

Além disso, a Copa América escancara as divergências político-históricas entre os países fronteiriços. Fica evidente que argentinos ainda guardam rancor dos chilenos por conta da Guerra das Malvinas, ou que alguns paraguaios não perdoaram os brasileiros por conta do massacre em Assunção no século XIX. E não são apenas rixas do passado: basta ver a dificuldade do bloco econômico Mercosul em deslanchar, ou então das relações estremecidas na diplomacia que vivem atualmente Equador e Colômbia.

Apesar disso, parece haver algo que une todos os latino-americanos. Novamente ressalvo que pode ser uma visão idealista e inocente, mas que ficou cada vez mais clara a cada dia de competição. No portão do estádio de cada jogo, verifiquei que os torcedores de seleções rivais em campo entravam abraçados e que a todo o momento pediam uma sessão de foto. Mesmo os brasileiros, tão isolados linguisticamente, conseguiam se comunicar o minimamente possível com os “hermanos”. E a cena de encerramento do livro, com uruguaios comemorando em solo argentino com torcedores dos demais países não foi imaginação: de fato, havia diversas nacionalidades ali presentes.

Assim, as três semanas nas quais me dediquei e vivenciei inteiramente a Copa América, aliados aos cinco meses de intercâmbio que já realizava na Argentina, mudaram completamente minha visão em relação à América Latina. E foi isso que tentei passar no livro: um continente repleto de barreiras, mas muitas delas transponíveis. Se ao final da narrativa o leitor ao menos se interessar em conhecer um pouco melhor seus vizinhos de fronteira, e principalmente se reconhecer neles, o refrão da música tema da Copa América 2011 estará mais perto de se concretizar: um continente com uma só bandeira, uma só cor.

## 7 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Editora Arquipélago, 2006.

\_\_\_\_\_. **O olho da rua**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2008.

CAPOTE, Truman. **A sangue frio**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2003.

**Copa América Argentina 2011**. Disponível em: [www.ca2011.com.br](http://www.ca2011.com.br). Último acesso em 7 de novembro de 2012.

DANTAS, Audálio (organizador). **Repórteres**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1998.

DIMENSTEIN, Gilberto; KOTSCHO, Ricardo. **A aventura da reportagem**. São Paulo: Summus Editora, 1990

KOTSCHO, Ricardo. **Do golpe ao planalto: uma vida de repórter**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LEWIS, Jon E. **O grande livro do jornalismo: 55 obras-primas dos melhores escritores e jornalistas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

ORWELL, George. **Na pior em Paris e Londres**. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

PAVINI, Cristiano, PENHA, Daniela. **Conquistando a América**. Disponível em: [www.2011ca.blogspot.com](http://www.2011ca.blogspot.com). Último acesso em: 5 de maio de 2013.

RODRIGUES, Nelson. **O berro impresso nas manchetes**. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

SILVEIRA, Joaquim Xavier. **A FEB por um soldado**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

TALESE, Gay. **Fama e anonimato**. Editora Companhia das Letras, 2004

THOMPSON, Hunter S. **Hell's Angels**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

VILLAS BOAS, Sérgio (organizador). **Jornalistas Literários – narrativas da vida real por novos autores brasileiros**. São Paulo: Summus, 2007.

VERRUMO, Marcel. **A ferida: 30 anos de memórias da guerra das Malvinas**. Bauru: Ed. do autor, 2011.

WALSH, Rodolfo. **Operación Masacre**. Buenos Aires: Ediciones de La Flor, 2011.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Cia das Letras, 2005.